

ENTREVISTA

**O trabalho com o abandono: entrevista com a
Museóloga Maria Cristina Oliveira Bruno**

Entrevista realizada com a professora Maria Cristina Oliveira Bruno, Professora, Livre-Docente em Museologia do MAE-Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, com vasta experiência em Museologia e Arqueologia. Atualmente coordena o Curso de Especialização em Museologia da USP e é diretora da Divisão de Iconografia e Museus, do Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Aproveitando a presença de Maria Cristina, assessora do CEOM-Unochapecó, na implantação do Programa Museológico do Núcleo de Estudos Etnológicos e Arqueológico e do Programa de Educação Patrimonial, realizamos esta entrevista, em 27 de março de 2004. Nela, Maria Cristina fala sobre sua trajetória acadêmica e profissional entremeadas à estruturação da Museologia no Brasil.

Josiane: Professora Maria Cristina, qual é a sua trajetória acadêmica? Formação, primeiro e segundo graus e onde a senhora cursou? Foi em São Paulo mesmo?

Maria Cristina: Bom, eu nasci em Jundiá, interior de São Paulo. Então fiz, o primário no Grupo Escolar Conde de Parnaíba e o ginásio em colégio de freiras, São Vicente de Paula. De lá eu saí, minha família mudou para Santos. Então, isso já foi uma primeira ruptura da minha vida, um horizonte completamente diferente. Em Santos, eu cursei o Clássico no colégio Osvaldo Cruz e terminei este ciclo no Instituto Canadá. Eu acho que foi a partir daí, por volta dos quatorze, quinze anos, que eu comecei a ter uma certa atração por educação patrimonial. Porque Santos me deu um outro horizonte, uma noção de tempo histórico. A cidade que tem um centro histórico, despertou nas pessoas, da minha turma de adolescência e juventude, as preocupações com essas questões. Acho que isso me levou a fazer a faculdade de história, optar no momento da escolha da carreira, na vida acadêmica, por história. Então, eu cursei, de 1972 a 1975, a Licenciatura em História na católica, que hoje se chama UniSantos. E aí, aconteceu uma situação muito peculiar na minha vida, precisava trabalhar para pagar meus estudos.

Então, abriu um estágio, foi meu primeiro trabalho na vida, no INPS. O INPS abriu um estágio que foi para o projeto RONDON, para estudantes de todas as áreas. Então eu entrei, a princípio, para trabalhar com arquivo e, na verdade, depois, acabei me envolvendo com outras áreas administrativas. Foram cinco anos lá e neste período eu terminei a faculdade e iniciei o mestrado. Nós, algumas colegas da faculdade e eu, estávamos em pânico porque queríamos abraçar a pesquisa, mas não havia muita perspectiva em Santos, e um dos cursos que eu tinha gostado muito durante a graduação foi o de arqueologia, as disciplinas pré-históricas. Então, através de um professor, eu e mais duas colegas, uma até é arqueóloga, que é a Eliete Maximino, outra desistiu, nós optamos em tentar na USP, ver se nós conseguiríamos fazer Pré-história. Então a gente continuava morando em Santos, eu continuava trabalhando no INPS, e fomos procurar esse professor que era o Prof. José Afonso Passos, isso por volta de setenta e seis. Ele primeiro pediu que nós frequentássemos uma disciplina que ele dava à noite e, no outro ano nós poderíamos tentar fazer o exame para entrar na pós-graduação. E na verdade, eu estava procurando uma carreira, porque eu gostava muito, gostei muito de pré-história, de arqueologia, desde a faculdade. Mas meu grande interesse era museologia, já há muito tempo. Então, tem uma outra história. Eu, desde adolescente, escrevia para vários museus do mundo pedindo informações. Eu fui aprender francês, por exemplo, mais para escrever para o Louvre. Eu tenho inclusive cópias destas cartas que fazia datilografadas. Eu acho mais estranho que eles me respondiam. Sempre pedi informações de como eram os cursos. Tinha uma informação muito remota que no Louvre existia um curso de museologia, por isso, ficava escrevendo muitas vezes. Nessa mesma época, eu tinha uma amiga que morava no Rio de Janeiro, minha grande amiga de Santos, Ana Lucia de Paula que conseguia informações sobre o curso de museologia de lá, mas meus pais conversaram comigo no período da graduação e diziam que era muito cedo para sair de casa. Então, por isso, eu fui trilhando esta outra carreira, mas sempre com esta perspectiva de fazer museologia.

Josiane: E a graduação, você começou com quantos anos?

Maria Cristina: Comecei com dezoito anos e, logo que eu terminei a graduação, já comecei este curso em São Paulo. Esta fase em que eu trabalhei no INPS foi uma fase muito peculiar também, porque primeiro, era dispensada uma vez por semana. Depois, eu entrei no mestrado já em setenta e sete e, daí já começou a ficar um pouco mais complicado, por exemplo, já tinha trabalho de pesquisa de campo e tinha que fazer as disciplinas. Daí eu tive um apoio incondicional de minhas chefes no INPS, especialmente Telma Pereira e Helena Rondon, que são pessoas amigas até hoje. É muito interessante, lá elas entendiam e eu repunha todo este horário. Toda a minha vida virou uma loucura, porque eu trabalhava das seis da manhã às oito da noite nos outros dias, para vir a São Paulo. No meio desta trajetória, quando eu comecei a fazer as disciplinas na pós-graduação em História (Pré-História), tive um outro momento interessante. Foi quando eu descobri a antropologia. Porque durante a faculdade de história eu não tive nenhuma matéria desta área de conhecimento, a não ser pré-história e arqueologia, eu não tive nada de antropologia. Eu terminei a faculdade numa fase da minha vida muito decepcionada com a humanidade, muito sem perspectiva, me sentindo um pouco sem saída. E quando eu entrei para o mestrado, as primeiras matérias que eu fui fazer foram na área de antropologia, isso me abriu horizontes. Ver o homem a partir de outro ponto de vista, a sociedade a partir de outro prisma, comecei a ficar muito interessada nisso, estudando muito, para enfim me aprofundar mais. Depois que eu já estava um ano cursando - nessa vida de vai e volta entre Santos e São Paulo, e mil histórias acontecendo - um dia eu saí da USP e estava na Avenida Paulista, tinha ido ao consulado francês, pra ver se eu conseguia bolsa pra ir fazer um curso no Louvre. Continuava sendo a minha vontade. Pode ser uma coisa assim maluca, de passar em frente ao MASP, que eu ia pegar um ônibus para ir embora, e vi um cartaz anunciando um curso de especialização em museologia, na rua, e aquele dia era o último dia da inscrição. Bom, eu entrei em parafuso. Eu entrei no museu, já era umas cinco e pouco da tarde, tinha uma fila de pessoas

fazendo a inscrição. Eu não tinha nenhum documento meu que contasse que eu já era graduada, não tinha o dinheiro pra fazer a inscrição, não tinha nada. Entrei na fila. A pessoa não queria me atender. Até que por fim, ele me atendeu. Aceitou que eu fizesse a inscrição do curso e falou, amanhã às 10 horas da manhã é a entrevista da seleção. Porque na verdade era uma entrevista e seleção acompanhada de toda a documentação dos outros alunos. Bom, aquela noite foi tenebrosa, porque fiquei em São Paulo para fazer a inscrição completamente clandestina, não tinha nada, aí fui fazer a entrevista no dia seguinte. Foi o primeiro encontro com a Profa. Waldisa Russio Camargo Guarnieri. Ela foi uma pessoa muito importante na minha vida. Ela era coordenadora deste curso. Eu acho que são fatos pontuais, mas que foram muito importantes para direcionar a minha cabeça. A Waldisa, quando me chamou para a entrevista, começou a procurar meus documentos. Eu comecei a falar que eu não tinha inscrição. Comecei falar para ela, sem ponto e vírgula, o quanto eu queria fazer museologia, que desde meus quatorze anos eu queria fazer museologia. Por fim, eu passei nas outras provas e comecei a fazer este curso. Comecei a fazer museologia junto com o mestrado e, logo em seguida eu tive a possibilidade, fui convidada pelo meu orientador para colaborar na montagem do Museu do Instituto de Pré-história. Então, por exemplo, comecei museologia em abril, em agosto comecei o estágio no Instituto de Pré-história e obviamente tinha que mudar de Santos para São Paulo. Consegui morar na USP, no CRUSP, que foi uma experiência também muito marcante na minha vida. Morei quatro anos e tive contato com pessoas de todas as áreas e diferentes proveniências. Então, eu acabei fazendo junto os dois cursos. A primeira idéia que eu trabalhei muito tempo no mestrado de pré-história, era fazer na minha dissertação, um estudo sobre os adornos do litoral sudeste do Brasil. Por causa deste estudo também escolhi uns estágios que eu tinha que fazer para o curso de museologia, em museus, justamente no Paraná, Santa Catarina e Rio de Janeiro, para estudar essas coleções de adornos e tal. E também, eu comecei a ter, logo neste ano, um contato mais direto, por exemplo, com o

Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, com o Museu de Arqueologia e Etnografia de Paranaguá, com o Museu Antropológico de Florianópolis, o Museu Paranaense de Curitiba. Então, ao estudar essas coleções, fora as próprias coleções do Instituto de Pré-história/IPH, eu acabei também tendo o contato com uma certa história da arqueologia, com pessoas que tinham trabalhado nessas regiões do Brasil. Continuei desenvolvendo este trabalho. E trabalhando no museu do IPH eu convivi com todas as etapas, trabalhei como estagiária, depois fui técnica, museóloga e depois docente. Nesta primeira fase da minha atuação profissional recebi uma influência muito decisiva, a partir dos contatos que tive com o Prof. Paulo Duarte. Ele foi o criador do Instituto de Pré-História em 1962, mas, nesta época, já estava afastado da universidade por questões políticas. Tive muitos contatos com ele entre os anos 1978 até a sua morte em 1984. Esse contato teve várias influências na minha vida pessoal e profissional. Assim, a partir de 1978 desenvolvi a minha atuação profissional sempre no IPH, que depois se transformou no MAE. Então, em mil novecentos e oitenta eu me formei em Museologia, que era curso de três anos, um Curso de Especialização a partir de um convênio entre a Fundação Escola de Sociologia e Política/FESP e o Museu de Arte de São Paulo/MASP. Em oitenta e quatro fiz a dissertação, só que durante este período eu já estava muito envolvida com o pessoal da museologia, com grupos de trabalho e criação de associação profissional. Achei que foi um encontro mesmo, de vocação profissional. O museu do Instituto já estava em uma segunda fase da vida dele e, eu optei por deixar minha dissertação sobre os adornos e fiz, em minha dissertação, uma análise do museu do Instituto, como um processo museológico. A análise sobre a perspectiva processual das ações museológicas tem ocupado um grande espaço nas minhas reflexões até hoje. Este acabou sendo meu primeiro trabalho acadêmico. E dali, sempre continuei tendo a arqueologia como ponto de partida digamos, esta é a minha visão da minha vida acadêmica, mas a museologia sempre acabou ocupando o espaço maior. No final do mestrado minha idéia fixa era de fazer um doutorado em museologia.

Nesse período, entre 1980 e 1985, conseguimos desenvolver muitos projetos museológicos no IPH/USP. O museu do IPH estava plenamente estruturado e o próprio Instituto com novas frentes de trabalho e uma dinâmica atuação científica. Nesta fase interrompi minha carreira de estudos acadêmicos por uns anos e continuei indo atrás do doutorado em museologia. Tentei na USP em várias escolas, na expectativa da criação de um curso. Ainda neste período, lamentavelmente, houve uma grande transformação no Instituto de Pré-História. As equipes com as quais eu trabalhava saíram do Instituto, houve um desmonte completo dos nossos trabalhos, com a saída dos pesquisadores Solange Bezerra Caldarelli e Walter Alves Neves. Foi uma perda irreparável. Então, foi um momento de repensar muito. Foi um momento muito traumático. A visão de processo museológico foi profundamente afetada por estes acontecimentos. Após um hiato, procurei o Prof. Ulpiano Bezerra de Meneses para retomar os meus estudos acadêmicos. Comecei a fazer o Doutorado em história para tentar entender melhor os processos históricos vinculados aos museus. Durante dois anos e meio eu trabalhei com ele numa perspectiva de estudos sobre a nacionalidade nos museus. Eu fui mesmo procurar um vigor, foi propositalmente um pouco suicida, eu mesma fui procurar um vigor acadêmico. Precisava, no momento, abrir o meu chão e retomar os estudos a partir de outras bases. Eu sabia que ele tinha este vigor acadêmico para as questões que eu procurava encontrar respostas. Nessa fase, eu estava muito preocupada com o delineamento da noção de referência patrimonial. Estava preocupada em aprofundar os conceitos sobre os indicadores da memória e cruzar essas análises com o universo de artefatos, dos estudos da cultura material. Se na fase do mestrado o meu interesse estava voltado para a compreensão da cadeia operatória inerente aos processos museológicos, neste período do doutorado eu procurava compreender a essência da museologia.

Josiane: E isso era forte já, ou eram só inquietações?

Maria Cristina: No Brasil eu acho que eram inquietações, no lado da museologia isso era muito precário. A gente entrava em uma outra esfera, muito presa às questões técnicas. A museologia no Brasil era a trajetória de um olhar muito técnico sobre o patrimônio. Acho que ela deu uma virada muito tempo depois.

Josiane: É um produto bem menos intelectual, é mais a comunicação do objeto sem pensar muito...

Maria Cristina: Era o tratamento do objeto sem pensar muito na sociedade, resumindo. O curso que eu fiz não era assim. Porque a Profa. Waldisa, ela já é falecida, mas era uma pessoa completamente especial, uma pessoa que já partia da construção social do museu, e o museólogo como trabalhador social. Por isso, ela causou um impacto tão grande no Brasil na época, quando ela formatou o curso. A própria compreensão de que a museologia tinha que ser pós-graduação, tudo isso foi muito forte para a museologia da época. Mas de concreto, mesmo alguns anos depois, ainda faltava esta discussão sobre a essência desses processos. Eu fui procurar o Prof. Ulpiano, porque tinha certeza que ele ia me exigir muito. Realmente foi muito, muito importante o tempo que passei sob a sua orientação. Foi um divisor de águas na minha formação acadêmica. Neste período eu intensifiquei também estágios fora, com algumas bolsas de estudo. Já era um período que eu estava trabalhando com a pesquisa histórica sobre a importância de Paulo Duarte para a musealização da arqueologia no Brasil, então eu já estava indo atrás desses documentos, tentando também mapear historicamente os museus de arqueologia, os museus de antropologia. Porque meus estágios no exterior começaram pelos museus de arqueologia. Durante muito tempo eu fui a alguns lugares que era para entender os processos fora, dos outros locais, dos museus nacionais e, na medida do possível era isso que eu tentava observar, vivenciar e analisar nos meus estágios. Mais pra frente fui buscar outros assuntos. Neste mesmo período houve a mudança entre a minha atuação no Instituto de Pré-História e o

acompanhamento da sua fusão com outros acervos da USP para a criação do novo MAE. Isso me afetou bastante. Pelo lado intelectual, afetou a minha compreensão do que eu entendia de museu e do processo museológico que havíamos construído no IPH. Tive que vivenciar uma situação de fusão de memórias institucionais, de identidades. Talvez os meus outros colegas não tenham tido o impacto que eu tive, porque, para uma observadora de museu, a pessoa que estuda museus, foi um privilégio, no fundo, vivenciar a formação de uma nova instituição. Então, tudo isso me motivou, também, a procurar o Prof. Ulpiano. Estes estágios fora, com o passar do tempo, me ajudaram a compreender tudo que esta vivenciando no MAE. Da mesma forma, fui constatando que neste trabalho de doutorado eu estava me afastando da musealização da arqueologia, que foi o que sempre me atraiu mais. Então, a idéia de mudar de orientação foi no sentido de procurar um universo arqueológico onde eu pudesse aplicar àquelas idéias que eu vinha construindo sobre a musealização da arqueologia. E foi uma mudança que levou um tempo para se consolidar e, depois que o Prof. Ulpiano aceitou, eu estruturei a mudança do perfil do projeto de pesquisa. Já vinha trabalhando mais teoricamente a museologia a partir de outras situações que vinha vivenciando, pois havia começado a participar de um grupo internacional de discussão teórica, no âmbito do ICOM, que é o Conselho Internacional de Museus, o ICOFOM, que é o Comitê de Teoria Museológica. Então fui me dedicando mais, eu acho que de oitenta e nove a meados dos anos noventa, foi um período em que eu comecei a me dedicar à questão teórica da museologia. Até então, eu acho que vinha, na verdade, mapeando e analisando minhas experiências e as experiências que eu vivenciava fora destes trabalhos descritivos, pois eu consegui dar um certo salto ao teorizar um pouco essa problemática. Eu queria muito pensar modelos museológicos para o universo de pesquisa arqueológica, já bastante consolidado. No caso de São Paulo, e no caso do MAE, este universo, eu entendi que poderia ser o Projeto Paranapanema, uma vez que era o projeto mais antigo e sem interrupções que nós tínhamos em São Paulo, que nesta altura então,

o MAE era responsável, e eu achava que era um projeto regional que tinha uma série de variáveis interessantes para pensar os modelos. O Prof. José Luiz era o coordenador nesta época, então propus e ele concordou, daí mudei minha orientação para ele, já no final do meu período de doutoramento. A partir dessas mudanças, trabalhei a idéia de modelos de musealização para o projeto Paranapanema. Assim, o meu doutorado acabou sendo sobre essa questão.

Josiane: Cristina, qual o lugar da história na tua formação? Porque dá para perceber que ela é muito forte, principalmente quando você trata da questão da documentação, dessa investigação da documentação, você sente que ela mudou um pouco o seu olhar?

Maria Cristina: Eu acho que mudou totalmente, porque tudo com o que me envolvi depois eu sempre acabei valorizando a perspectiva histórica. Algumas pessoas até me chamaram a atenção em relação a isso e, isso até me faz pensar que a gente sempre fica muito vinculado à nossa formação básica. Acho que, segundo dizem, “ninguém trai a formação” quer dizer, eu sempre acabei valorizando essa perspectiva. Então, por exemplo, mesmo quando eu estudo museologia, estudo museus, eu sempre valorizo muito a dimensão histórica das instituições, tentar entender os processos. Isso tem me ajudado muito a entender a situação contemporânea.

Josiane: E o quanto isso ajuda na musealização?

Maria Cristina: Na minha visão hoje, a partir de um ponto de vista particular, eu acho que ajuda quase totalmente nas nossas análises. Porque a razão de você entender as coleções, entender porque aqueles acervos estão ali, porque aquelas pessoas atuaram de uma forma ou de outra, tem a ver com mentalidades daquelas pessoas e, alias, é o grande problema que não se presta muita atenção. Isso em museus de qualquer natureza. É muito estranho porque os museus são lugares de memória e muitas vezes eles abandonam a construção da sua própria memória. Quando estamos

fazendo esses estudos, estamos construindo a história de mentalidades.

Josiane: E isso a gente pode perceber nos museus históricos também, mas principalmente nos museus de ciência. Essa preocupação com a historicidade da instituição, com os olhares da instituição nunca é muito colocada.

Maria Cristina: Tem a ver com a mentalidade. Museu é fruto da história de mentalidades. Essas mentalidades geraram acervos, que são coisas muito concretas, que por sua vez são estudados dentro de um outro ponto de vista que é datado. Eu acho que esta perspectiva histórica é muito importante. Na verdade, eu acho que não perco esta perspectiva, mas eu sempre tentei, nos trabalhos depois, valorizar o lado museológico, porque no fundo é o tratamento patrimonial desta história. Bom, depois que terminei o doutorado, como eu trabalhei a idéia de modelos, eu fiz projetos de pesquisa para MAE, para a estruturação desta área de conhecimento no âmbito do novo regimento da instituição. Mas daí já estava muito preocupada e interessada em estudar a museologia em outros contextos. Foi quando estruturei os planos que fiz de pós-doutorado, o trabalho de tentar conhecer, estudar outros modelos museológicos. Então, quando fiz programas de estágios para entender, por exemplo, a museologia de uma região toda, eu fui pra Catalúnia para tentar entender o que é isso, na Bretanha na França, o que é um museu regional, o que é um ecomuseu. Naquela época enfim, eu fui tentar vivenciar isso no sentido de como se faz um diagnóstico patrimonial pra se chegar a museu de região. O que acontecia com os ecomuseus. Então, basicamente, eu acho que há três análises de estudos que foram muito importantes para mim. Em Portugal, que eu fui algumas vezes, mas só para análise de museus comunitários, museus regionais, foi muito importante porque é uma escala cultural, patrimonial, muito diferente de nossas escalas do Brasil, que são de pequenos povoados, pequenas comunidades, eu queria entender um pouco essa questão. Na Bretanha, foi fundamental para entender

uma identidade cultural bastante delineada e como os museus podem atuar neste contexto. Na Catalúnia, acho que foi uma outra questão, a busca da compreensão sobre a renovação museológica inserida em programas políticos maiores. Essas iniciativas eu tive para minha própria formação, no fundo. Desde noventa e um, dou, sistematicamente, aula de museologia. Trata-se de uma disciplina optativa para a graduação da USP. E desde noventa e quatro comecei a me preocupar muito com a formatação de um curso. Porque nesta altura a Profa. Waldisa tinha falecido, já não tinha mais curso em São Paulo e muita gente precisando de um curso. Eu acho que os estágios que eu procurei também foram muito no sentido de pensar o que era necessário para a formação de um profissional desta área. E daí me dediquei bastante a essas análises e esses estudos. Então fui conhecer outras escolas de museologia, fiz contato com outros professores, até que em noventa e oito eu formatei um curso, esse de especialização, que é um pouco uma síntese dessas observações. Entretanto, desde 1980 tive experiências com a docência de cursos de museologia, pequenos cursos, oficinas, propostas temáticas, proferidos em diferentes regiões brasileiras, que também me ajudaram a entender o processo de ensino e aprendizagem desta área.

Josiane: Eu estava pensando um pouco esses modelos europeus. Maria Cristina, como é pensar museologia a partir de um viés, como você comentou na palestra de ontem à noite, ocidental. A idéia européia de museus. No Brasil a gente ainda tem muito esta influência, ou já está se pensando o caminho de uma museologia voltada para nossas especificidades culturais. Porque às vezes a gente tem a impressão de que muitos dos pensamentos ocidentais não caem bem pro Brasil, eles não se adaptam muito bem à nossa realidade. Não sei como isso pode ser pensado.

Maria Cristina: Eu acho que há uma constatação, ou pelo menos uma consciência de que museu é uma instituição a partir do modelo da colonização. É fruto dos processos de colonização

que a europa legou a vários continentes. Eu acho que hoje já há um reconhecimento de que outras sociedades que constituem a nossa identidade cultural, a nossa herança patrimonial, por exemplo afro-descendentes e nativos, tinham outras formas e alguns ainda têm outras formas de trabalhar a preservação. Então, em um certo sentido, essa consciência é algo crescente nos nossos processos museológicos. Penso que é possível afirmar que há um estimulante pensamento museológico no Brasil e uma prática moldada em muita criatividade e esforço de gerações. Mas, o que eu vejo de muito peculiar na museologia brasileira, que eu acho que tem a ver com a museologia latino-mericana, é que ela é extremamente questionadora. E isso é uma diferença muito grande com relação às outras museologias, digamos assim, é muito interessante isso. Porque nós sempre estamos questionando, sempre achamos que os museus não estão bons, isso é perceptível nos congressos, por exemplo, nos latino-americanos e agora mais os africanos, que têm assumido uma visibilidade maior nestes eventos. Nesses congressos somos nós que questionamos. Eu tenderia, ainda, a não achar que a gente tem uma museologia brasileira com marcas tão firmes que pudéssemos até colocá-la em uma posição de destaque. Eu acho que há pensamento ativo, muito dinâmico, que vem se consolidando em uma bagagem, que, em dez anos, a produção acadêmica quadruplicou. Porque a década dos anos noventa foi muito forte neste sentido, de trabalhos acadêmicos. Há uma efervescência neste pensamento. Em um certo sentido, uma efervescência na sua raiz. Ela foi abastecida por influência de pensamentos europeus ou norte-americanos e hoje ela se auto-alimenta. Eu acho que os novos trabalhos, por exemplo, já se baseiam numa bibliografia nacional. Quando eu estudei museologia não existia isso, tinham três ou quatro livros que eram absolutamente datados na década de quarenta, sessenta. Isso eu acho muito impressionante, com vinte anos, mudou completamente a situação. É possível afirmar que há um crescimento expressivo na análise sobre os museus brasileiros, mas quando olho a realidade dos museus brasileiros verifico que ainda temos um enorme caminho a percorrer .

Josiane: Parece que há um deslocamento da produção

Maria Cristina: Eu percebo um pouco esse foco de análise. Eu tive, também, a oportunidade de colaborar com outras instituições em distintas regiões brasileiras. Algo que foi fundamental pra minha carreira. Outra característica das minhas atividades profissionais e mesmo dos meus estágios, é que sempre estive do lado de uma outra museologia. Por exemplo, por várias situações eu sempre tive ao lado de uma museologia não tradicional. Eu nunca tive a oportunidade, por exemplo, de trabalhar com grandes acervos consagrados e, ao mesmo tempo, eu trabalhei, tive a oportunidade de trabalhar com grandes contextos patrimoniais e, sempre, um pouco em situações de abandono. Essas oportunidades, evidentemente, tiveram uma influência muito expressiva no meu pensamento museológico e nas metodologias de trabalho que venho implementando.

Josiane: Pois é, eu ia perguntar justamente isso, quando é que teve início essa idéia de abandono, dá para demarcar? Ela começou em um determinado período? É um tipo de hermenêutica que você faz agora, para descobrir onde é que isso começou? Não sei se você consegue delimitar isso hoje, no tempo no espaço, no que circundava.

Maria Cristina: Eu acho que o estudo que eu fui fazendo sobre o Paulo Duarte, que na verdade foi um roteiro paralelo na minha biografia, que começou justamente em função de uma caixa de documentos abandonados no Instituto de Pré-história. Isso me levou às instituições que ele tinha trabalhado, sempre, ou ninguém lembrava, estava tudo jogado, então na minha cabeça foi crescendo um pouco esta idéia do abandono. Depois de vivenciar a fusão dos quatro museus, os que deram origem ao MAE, fui vivenciando muito esta idéia de como a nossa memória imediata estava sendo abandonada, isso também estava me marcando muito. Depois, quando eu comecei a ir, digamos, aos grandes museus, quando eu fui, por exemplo, no Arquivo do Museu do Homem de Paris, eu jamais imaginaria encontrar um arquivo com tamanho grau de

abandono. Então, essa experiência prática me foi dando um pouco esta dimensão, e daí comecei a verificar que os acervos trabalhados pelos museus, ligados a estudos de história, de antropologia, também eram acervos de um outro nível de abandono. Então comecei a refletir e construir um certo esquema teórico pra colocar o papel da museologia nisso, e acabei encontrando um papel que é muito positivo na verdade, eu acho que a museologia é uma pedagogia para trabalhar com o abandono. Em um primeiro momento a gente pode olhar isso como algo negativo, mas eu vejo ao contrário, eu acho que ela é uma pedagogia, que articula as idéias de salvaguarda e de comunicação. Na verdade, são estratégias que constróem uma metodologia, que é possível resgatar, não gosto muito desta palavra, recuperar, reconstituir situações de abandono patrimonial.

Josiane: Daria para a gente pensar por exemplo, o abandono... Ele é mais fácil de trabalhar do que aquilo que se escolhe objetivamente para proteger e preservar, ou seja, tem uma diferenciação entre você trabalhar com o que foi abandonado, com o que você encontra, com o que de certa forma restou - que é um pouco isso que você fala dos arquivos do material do próprio Paulo Duarte - do que trabalhar com aquilo que é intencionalmente preservado, guardado por determinada instituição museológica. Você chegou a estabelecer isso no teu trabalho?

Maria Cristina: Eu não estabeleço esta fronteira, porque eu acho que ela é bastante tênue. Às vezes, eu tento pensar que o que nós escolhemos, o universo de escolha, ele já é um universo muito permeado pelo abandono. Por isso nós decidimos em fazer um museu de tal tema, porque é um tema que já está sendo alvo de abandono em algum nível, sociocultural, econômico, enfim. Então, no fundo é um universo resultante de diferentes níveis de abandono. Eu estou tendo uma experiência agora com a estruturação do Museu da Cidade de São Paulo. Da forma como a gente está pensando esta instituição, essas premissas estão evidentes. A ação museológica, tradicionalmente, parte sempre do trabalho com as coleções. Coleção, ou melhor o trabalho museológico com coleções, pode ser

compreendido de várias maneiras, ou quando elas chegaram para os museus elas já tinham sido abandonadas, ou quando elas foram articuladas como coleções elas já eram resultado de abandonos.

Josiane: Seria um pouco, o fato de já estar no museu, já ter sido selecionada?

Maria Cristina: Os acervos em geral já foram selecionados e extraídos do circuito econômico da vida. Os museus têm uma tradição de alguns séculos de trabalharem a partir do colecionismo, com aquilo que já foi selecionado. Este é o grande patamar. Mais recentemente, a museologia começou a trabalhar outras possibilidades, por exemplo, a idéia da referência patrimonial, a idéia de ir atrás do indicador da memória, são outros pontos de vista. Mesmo assim, mesmo com essas novas possibilidades, tenho observado que neste esforço de identificar novos vetores de referências patrimoniais, no fundo a gente sempre está indo atrás de universos patrimoniais que estão abandonados, ou estão em vias de serem abandonados. Não vejo isso como algo negativo, isso é uma constatação. Mas como eles ainda podem ter algum valor, então há uma pedagogia que pode ajudar, pode colaborar, com a apropriação desse universo, a partir de procedimentos museológicos de salvaguarda e comunicação. Não vejo como algo negativo...

Josiane: Eu estava pensando no Ulpiano mesmo, ele dizia que talvez esta parte da comunicação seja mais difícil, mais difícil às vezes do que a própria pesquisa histórica. Porque você tem que desenvolver todo um outro trabalho que é de como é que você vai comunicar e também provocar a reflexão. Eu acho muito interessante isso. Eu nunca tinha pensado muito. Na pesquisa você tem toda uma metodologia, você já sabe como é que você vai fazer. Agora, comunicação museológica tem uma série de implicações. É um trabalho mais individual a pesquisa, é um trabalho que se faz para a academia, compreender uma problemática social e para seu próprio deleite, não tem essa preocupação com a extroversão.

Maria Cristina: Também, se nós pensarmos historicamente, a museologia tem muito mais conteúdo pra falar da salvaguarda do que para falar da comunicação. Acho que, mesmo identificando o século XX como o grande século da democratização dos museus, quando assumiram o perfil de canal de comunicação, nós ainda não dominamos estas potencialidades comunicacionais. São idéias ainda muito embrionárias, muito diferentes do que nós já dominamos do ponto de vista de conservação, de documentação e até de educação, até sobre metodologia educativa para museus já temos uma reflexão mais estruturada. O domínio sobre a comunicação, especialmente a partir da exposição, é algo que ainda estamos conquistando.

Josiane: Mas como é que você vê isso?

Maria Cristina: Eu acho que é o futuro da museologia. Bom, se hoje nós pensarmos que a museologia tem estas duas bases, salvaguarda e comunicação, eu acho que há uma tendência, talvez exista um paradigma ou estamos próximos de um paradigma. É possível constatar que, no futuro, o eixo central da museologia fique delimitado à comunicação, pois, a documentação tem uma auto-suficiência, a conservação tem uma auto-suficiência acadêmica nesse universo. Porque quando a gente começa a observar como é a operacionalização desse processo, hoje chamado processo museológico, na sua dimensão de aplicação, a gente observa a necessidade da interdisciplinariedade entre as ações de salvaguarda e comunicação. É muito difícil formar um museólogo, mesmo no nível de pós-graduação, que possa ser ao mesmo tempo um especialista que domine o mundo da conservação e o mundo da educação dos museus. Eu acho que há uma orientação que tem possibilitado essas especializações, em função da crescente complexidade dos processos museológicos. Se isso for verdadeiro, se esse raciocínio tiver alguma legitimidade, a tendência é que a museologia fique delimitada ao que é a comunicação.

Josiane: Seria um encontro com uma função social que se procurava?

Maria Cristina: Porque a definição do eixo central da análise dela é um fenômeno de comunicação da relação entre o homem, o objeto e o cenário. Então há uma tendência epistemológica que isso se torne a museologia. Mas eu acho que não é para nossa geração. Para a minha geração. Teremos que dominar muito as técnicas comunicacionais. Daí, tudo aquilo que envolve a exposição é o grande carro chefe dessa questão. Porque as outras áreas já estão muito sólidas, em termos de bibliografia, sobretudo de conservação e documentação, internacionalmente falando. Mas, enfim, eu acho que é uma visão prospectiva em relação à dependência da comunicação em relação à salvaguarda.

Josiane: Em que estágio estaria isso hoje no país, nas escolas?

Maria Cristina: Eu acho que ainda não há esta percepção necessariamente, porque há uma luta ainda muito grande para a afirmação das questões básicas desta área. Porque, para a museologia se auto-afirmar, para estes profissionais se firmarem academicamente, por exemplo, são raríssimas as pessoas que têm titulação, dependerá de todo um processo que vai levar um tempo para chegar lá. Mas tem uma história engraçada, o meu contrato na USP é o primeiro de museóloga na universidade, que foi em setenta e nove, contrato mesmo, de funcionário. Então, se isso servir como limite cronológico, de tempo e, por exemplo, durante um tempo fui a primeira a ser doutora em cargo de museóloga de uma universidade, hoje já tem vários na própria USP. Então acho que é um processo e, assim, é fundamental a ampliação de cursos. Eu acredito muito que o caminho desse percurso de afirmação da museologia passa pelos cursos de formação. Por isso acho que as decepções que eu tive na fase da fusão do MAE, quando eu tive uma expectativa imensa em relação a essa solução e, também com várias outras situações que ocorreram, me levaram a dedicar uma boa energia acadêmica para a formação. Essa percepção sobre a

dificuldade dos museus é fruto das observações em relação aos museus da USP, mas também, a partir de contatos profissionais que manteve com outras instituições brasileiras. Por exemplo, por mais de quatro, cinco anos, eu tive a oportunidade de colaborar com o Museu Paraense Emílio Goeldi em um projeto de revitalização institucional. O Goeldi é um museu enorme, super complexo, onde eu aprendi muito, também sobre este universo difícilíssimo dos museus. Ao mesmo tempo eu estava tendo a oportunidade de trabalhar com uma pequena equipe em Londrina e vivenciando esta fusão no MAE. Depois, no sertão, tentando implantar museus, sempre trabalhando com grupos, conhecendo novas realidades e, sobretudo, refletindo sobre as perspectivas para aplicação da museologia. Essa experiência de consultorias teve início no Museu Arqueológico do Sambaqui de Joinville, ainda nos anos oitenta.

Então tudo isso junto, me fez optar, num dado momento, a gastar energia para a formação, que eu cheguei a pensar que realmente só a formação, a médio prazo, vai levar a alguma revolução nesta área.

Josiane: Cristina, como foi o processo de construção deste curso, já que ele é tão significativo, tão importante. Ele parte de algumas experiências que você tinha na área, de uma certa visão prospectiva? Como é que foi montar este currículo, como é que foi pensar nos nomes, nas contribuições que cada um poderia dar ao curso, as linhas mestras, os eixos norteadores? Quando ele foi iniciado?

Maria Cristina: A primeira turma foi em noventa e nove, ele foi formatado em noventa e oito, a partir de uma conjugação de experiências, estudos e desafios.

Josiane: Eu queria que você falasse um pouco disso. Este processo de construção é sempre muito rico?

Maria Cristina: Primeiro, por essa minha trajetória, que eu sempre brinco que eu estava do outro lado da museologia, eu tinha clareza que eu não optaria por um curso de uma museologia

tradicional digamos, muito amparado no colecionismo, na curadoria, pois acho que os outros cursos fazem isso, de outras áreas até de conhecimento, a própria USP tem várias áreas que trabalham questões ligadas à curadoria de coleções. Isso tinha certeza que eu não faria. Esta fase - dos anos oitenta, começo dos anos noventa - foi de muita efervescência na discussão da nova museologia. Então fui, por exemplo, fazer um curso em Portugal ligado ao Prof. Mário Mortinho, que era para entender como é que funcionava um curso desta dimensão. Fui me aproximando e estudando outros parâmetros curriculares. Então, quando eu comecei a elaborar, na verdade, essas preocupações eram compartilhadas com um grupo, que é um grupo de profissionais com o qual eu sempre trabalhei em São Paulo, como o próprio Marcelo Mattos Araújo, por exemplo, uma pessoa que eu tenho um diálogo acadêmico muito grande. Então, estas questões foram sendo conversadas, eu tinha certeza da necessidade de ter um curso organizado em torno da função social do museu. Depois, uma outra questão que eu pensava muito, que eu gostaria que fosse um curso organizado a partir do patamar da disciplina museologia, que era um outro ingrediente muito interessante. Um terceiro ingrediente que foi também pensado, é que este curso pudesse levar a um questionamento sempre grande por parte dos alunos. E daí, logicamente, a partir do diálogo com esses meus amigos e com a contribuição de outros profissionais com experiências acadêmicas. Mas eu acho que a primeira tarefa e a mais difícil foi fazer uma espinha dorsal do curso, quer dizer, como é que seria formatado isso. Ao mesmo tempo queria que o curso se firmasse junto ao aluno com uma identidade do que nós, organizadores do curso, entendemos por uma museologia, e depois eu queria que eles ouvissem por outras pessoas, outras visões sobre museologia. Achava isso fundamental para formação, quer dizer, não começar com mil idéias e no fundo o aluno não conseguir estabelecer bases para atuar com os conhecimentos ministrados. Eu queria que eles tivessem clareza sobre a essência da museologia. A minha idéia era que eles compreendessem, “a coordenação deste curso entende museologia desta forma”. Eu achava isso super

importante desde o início, que eles tivessem o domínio da percepção dessa dimensão aplicada da museologia. Então, por exemplo, as visitas técnicas, os estágios, inerentes ao programa do curso eram super importantes para a estruturação do programa acadêmico. Então essas idéias fizeram formatar o curso. Um primeiro módulo, que é dado por cinco professores, com três disciplinas, que justamente dão princípios teóricos, uma outra é de salvaguarda e a terceira é de comunicação, uma vez que esta é a espinha dorsal do que entendemos por museologia. Então, durante um semestre são estas disciplinas, e toda a semana nós temos uma visita técnica a um museu. E toda semana nós temos um dia, que nós chamamos de seminários interdisciplinares. Então a minha idéia era que ao mesmo tempo em que os alunos fossem tendo conhecimento desse universo específico da museologia, com uma conferência por semana, eles poderiam ouvir pessoas que trabalham nos museus, mas que não são museólogos. Então nós começamos no próprio MAE e daí vamos para várias outras áreas, por exemplo, o papel do historiador da arte, de um arqueólogo, de um zoólogo, etc. Este ciclo de conferências vai se ampliando com outros especialistas que têm trabalhos sobre a história dos museus ou sobre outros temas de interesse para a formação em museologia. Hoje, nós já temos no Brasil vários estudos sobre histórias de museus e eu considero fundamental que os estudantes entendam a historicidade deste fenômeno. E ainda no primeiro semestre, nós convidamos algumas pessoas que falam sobre pesquisa em museologia, então são pessoas que já fizeram teses e dissertações. No primeiro semestre, essa é a base, e nós fazemos uma visita, uma viagem de estudos de dez dias ao Rio de Janeiro, justamente porque a matriz histórica dos museus do Brasil está no Rio de Janeiro. Por ter sido capital federal, os museus federais, em grande número, estão lá. E isso também, essa viagem tem vários intuitos: mapear a sociabilidade entre os alunos, pois, visitamos juntos, discutimos juntos... Então, a nossa compreensão é que, com esse formato de curso, os estudantes já partam para um segundo semestre com uma base pelo menos, minimamente sólida, em alguns aspectos. O segundo semestre é

inteiro dedicado a um conjunto de seminários. Nós chamamos de seminários temáticos que daí, na medida de nossas possibilidades, convidamos pessoas que têm pensamentos, que eu já sei de antemão, que tem pensamentos diferentes, ou que podem desenvolver muito alguns aspectos sobre novos processos museológicos. Há uma tendência muito explícita no nosso curso em discutir novos paradigmas. Entendeu! Então nós chamamos pessoas que trabalham com museus comunitários, museus regionais, ecomuseus, que trabalham situações de conflito cultural. Mas também, na organização desses seminários, procuramos um vínculo com as disciplinas, tem todo um desdobrar, por exemplo, de seminários sobre documentação e sobre conservação, sobre comunicação e sobre educação. Eu tenho observado nestas três turmas, por mais que a gente avise, converse muito com os alunos, que há ainda dificuldades dos alunos em enfrentar o segundo semestre. Porque o primeiro semestre é muito orgânico. Há uma disciplina que cruza com a outra, nós pensamos em um trabalho integrado, provas... Quando chega no segundo semestre é um impacto. Mas eu acho que isso também é proposital, quer dizer, acho não, é proposital, porque este impacto é que a gente vive no dia-a-dia dos museus, com o qual sempre somos confrontados. Daí, é uma seqüência, eles continuam com as visitas técnicas, as vezes alguns desses professores fazem trabalhos em museus, quando querem dar um seminário aplicado e tal. Temos também duas viagens de estudos que nós chamamos de leituras patrimoniais. Uma é no litoral de São Paulo, em Santos e São Vicente, para entender um pouco nosso processo de ocupação, de colonização, e é uma visita em que os alunos junto com os professores, fazem vários roteiros de visitas, depois propõem processos de musealização. Esses trabalhos depois se desenvolvem em sala de aula. E fazemos, ainda, uma viagem para o interior do estado, ao longo do Tiête, para Itu e Salto, onde há vários museus, museus de diferentes filiações administrativas e depois fazemos um trabalho com os alunos, de avaliações destas instituições e depois todo um trabalho de discussão entre eles. Então, por exemplo, um grupo apresenta sua avaliação, o outro grupo discute a avaliação

deles, porque entendemos que este é um processo importante. Quando nós terminamos este segundo semestre, os alunos estão aptos a fazer o estágio. Com o passar do tempo, a gente foi organizando muito melhor estes estágios, a relação com as instituições. E, para terminar, os estudantes elaboram a monografia. Nós temos algumas linhas de pesquisa definidas para as monografias e eles pode escolher para orientador um dos cinco professores das disciplinas básicas.

Josiane: Quais são as linhas?

Maria Cristina: Nós trabalhamos com cinco linhas, com princípios teórico-metodológicos, com a historicidade do fenômeno museal, com projetos de salvaguarda ou de comunicação, e ainda com a questão de marketing da museologia que envolve a gestão dos museus.

Josiane: Um espaço para banca também, ou...

Maria Cristina: Não, porque a nossa primeira idéia, na primeira turma, era organizar as apresentações públicas das monografias, mas vimos que os cursos de especialização da USP não exigem a defesa com bancas. O que acontece é que quando eles entregam a monografia, elas são trocadas entre os professores e são avaliadas, elas tem uma nota que depois é analisada em uma reunião de professores, uma reunião de coordenação. Aliás, todas estas etapas têm notas, esse também é um outro princípio do curso, que o aluno vai construindo na verdade a nota dele. Então no primeiro semestre tem alguns parâmetros. No segundo semestre que são estes seminários, eu como coordenadora, preparo algumas provas que eles fazem em alguns momentos diferentes do semestre e, essas duas viagens resultam em trabalhos. Então, têm avaliações que são individuais, outras que são coletivas, têm avaliações que os alunos dão uns para os outros, isso também é uma experiência difícilíssima de levar a cabo. Enfim, nós temos trabalhado dessa forma nessas três turmas.

Josiane: E como é que está sendo este resultado, você acompanha os ex-alunos, a prática?

Maria Cristina: Desde o início a gente montou um banco de dados, é um banco curricular sobre os alunos. E até, eu tinha esquecido de falar, um outro aspecto importante do acadêmico é o planejamento e a realização - sempre na segunda etapa do curso - dos encontros museológicos. Então, quando fizemos o primeiro, a proposta era dar visibilidade a um curso, mostrar à comunidade museológica como os alunos funcionam, quem eles são e eles próprios é que participaram da organização. O primeiro foi feito dessa forma, já na segunda turma nós trabalhamos junto com a primeira, e na terceira turma junto com as duas turmas. A idéia destes encontros é justamente socializar como nós somos, explicitar a proposta do curso. Os encontros são sempre muito polêmicos, porque daí vêm pessoas de outros cursos e profissionais de outras regiões do Brasil. Os temas são sempre indicados de um encontro para o outro.

Josiane: E tem uma certa identidade do curso, ou seja, nós somos museólogos formados por este curso de especialização, e isso chega a criar uma idéia de um grupo mais afetivo também?

Maria Cristina: Eu tenho uma tendência a pensar que sim. Agora eu acho que isso é uma construção muito lenta. O curso que eu fiz, eu fui da primeira turma deste curso que teve em São Paulo, que funcionou durante onze anos e, esse curso criou uma identidade muito forte. Têm pessoas que acham que este curso mudou a museologia de São Paulo. Eu não tenho muita certeza disso, então pode ser que este nosso curso que começou depois, pode ser que ele chegue a isso. Já preocupados com esta questão, desde a primeira turma, organizamos essa idéia de ir acompanhando a trajetória dos alunos. A idéia da criação de um banco de dados, a idéia dos encontros, são iniciativas que buscam a aproximação entre os estudantes. Agora, eles estão unidos em função da legislação, porque os especialistas da museologia não podem se registrar no conselho da área, acho que esta vai ser uma outra trajetória. Eu tenho

observado muito de longe um dado que para mim é bem interessante: como eles têm se ajudado. Isso tem sido um dado muito interessante. Então, um sabe de um projeto chama o outro, que é, às vezes, da outra turma, sabe onde vai ter um concurso avisa o outro, ele vai sair de um emprego porque conseguiu algo melhor chama o colega, eu tenho observado essas relações e acho tudo isso muito positivo. Agora, eu também aprendi a duras penas que sempre tudo é muito difícil, que a questão da formação é uma questão muito lenta, muito, muito, muito lenta, então, não adianta nós esperamos resultados imediatos.

Josiane: E quando você montou o curso, você tinha um pouco esta expectativa?

Maria Cristina: Eu tinha uma expectativa muito mais rápida, imaginava que rapidamente... Foi muito difícil montar, foi muito difícil que o MAE entendesse que ele poderia liderar essa questão. Foi muito difícil. O curso até hoje tem oposições dentro do próprio MAE, tanto que só saiu a primeira turma porque nós conseguimos o apoio de VITAE para financiá-lo. Ela acreditou no curso desde a primeira turma, colabora inclusive discutindo conteúdo, ampliando as nossas propostas, nos indicando um professor que seja interessante e tal. Isso, essa força da VITAE foi muito importante para o curso ter uma certa autonomia na USP.

Josiane: O MAE é o único museu que tem o curso de museologia?

Maria Cristina: Deste tipo de curso sim.

Josiane: Isso é bastante significativo também para o formato, para a idéia do próprio museu...

Maria Cristina: Por exemplo, logo de início, eu pensava que este curso seria muito importante para os museus da USP, tanto que desde a primeira turma nós dedicamos bolsas para estes alunos. Depois já tivemos esta bolsa pra gente que não é da USP. Então é muito cedo, eu acho que não dá ainda para avaliar. Acho que as

variações são muito fortes. Tanto que nossa idéia agora, dos professores, é fazer uma primeira avaliação, que nós já temos três turmas, pra ver estas nossas impressões. Eu esqueci de dizer que os alunos fazem avaliações de todos os professores, de todos os seminários, fazem uma auto-avaliação, fazem uma avaliação da coordenação, isso tudo é tabulado, é apresentado. A coordenação analisa isso, e às vezes nós nos surpreendemos com essas avaliações, eu acho que é uma forma de apostar na formação.

Josiane: E já deu pra medir se vocês já tem problemas curriculares?

Maria Cristina: Sim, já. Na minha avaliação já deu pra medir. Agora a intenção é de, quando terminar a nossa turma em julho, nos dedicarmos um semestre para essas análises. Daí que eu vou ter mais clareza e ver se os outros professores também estão vendo isso, nós pretendemos até convidar ex-alunos pra participar dessa avaliação. O curso tem tutores também, desde a segunda turma, ex-alunos que se transformaram em tutores e ganharam uma bolsa. Duas pessoas que acompanham os estágios, acompanham as visitas enfim, é todo um trabalho junto com os alunos também.

Josiane: Eu estava pensando aqui, porque a forma mesmo como você expõe, apresenta as idéias do teu trabalho, parece que é tudo bastante arrumadinho. Como é isso na tua cabeça, se essa trajetória, sempre foi muito clara, se as coisas vem assim, quando elas acontecem, quando você opta, tem essa preparação? Se você é esta pessoa racional que parece? Porque isso também é muito do perfil, essa coisa do planejamento, da amplitude de horizontes, parece que você tem muito isso. Você consegue perceber as coisas de uma forma ampla e as possíveis articulações dessas coisas, isso você acha que deve ao seu perfil mesmo, a sua historicidade, ou a sua experiência no trabalho?

Maria Cristina: Eu acho que um lado tem a ver com o meu perfil mesmo, com a minha personalidade, uma certa vocação para planejamento, pra liderança que é uma coisa engraçada, porque

por exemplo, eu gosto muito de um artista que é o Torres Garcia, não sei se vocês conhecem, é Uruguaio. Quando eu observo os quadros dele, eu sempre gostei muito dele, comecei a gostar de repente e sem até imaginar o porquê. E daí, o quadro dele, toda a obra dele, ele é construtivista, ele é todo “enquadrado”..., então pra mim ele é um espelho disso daí. Eu acho que eu sou bastante cartesiana em algumas coisas, que isso me leva também a muitos problemas. Então, eu acho que por um lado há uma certa vocação que eu tenho, para esta visão prospectiva, da minha personalidade mesmo. Tem muita gente que critica esta minha forma de ser, mas é quando eu consigo me sentir mais confortável, de ter que pensar as coisas muito organizadas, eu preciso disso pra me sentir mais estável. Eu acho que é uma questão de personalidade, por outro lado, depois eu fui aprendendo que para trabalhar em áreas públicas, para trabalhar com museologia, a gente precisa dessa visão processual, e essa visão processual tem que ser organizada. Acho que isso não significa que é uma proposta estática, mas é necessário ter muita clareza na elaboração da proposta e abertura pra receber críticas eventualmente. Agora, nas situações que atualmente estou sendo colocada completamente à prova, nesse novo trabalho na prefeitura de São Paulo, as situações em que me sinto pior é quando eu não tenho domínio do processo, quando as coisas acontecem do dia pra noite.

Josiane: No setor público parece que eles são especialistas nisso.

Maria Cristina: Então, eu até tenho analisado, uma experiência muito recente, mas eu tenho analisado, que chegou o momento da minha vida que vai me fazer virar do avesso. Porque eu fico pensando até mesmo em questões profissionais, eu estou tendo que trabalhar com uma equipe, uma circunstância onde há o imprevisto. Pensar soluções para o imprevisto ocupa noventa por cento da minha energia e dez por cento é o planejamento. Há tempos atrás, eu jamais admitiria isso, nem pra mim. Ficava muito chateada quando me envolvia em situações imprevisíveis. Mas, no

momento, as situações têm ocorrido dessa forma, e têm dado resultados interessantes. Então eu também estou refletindo sobre isso.

Josiane: Uma nova metodologia

Maria Cristina: Enfim, falando naquela questão da minha trajetória, acho que o último ponto que eu tenho trabalhado é esta questão do abandono, mas muito mais para pensar a pedagogia museológica. Eu acho que a museologia é uma das pedagogias para educação da memória, eu acho que este é o grande caminho.

Josiane: O que é que você entende por educação da memória? Porque é um termo também polêmico.

Maria Cristina: Eu acho que a memória é construída sempre, e existem vários estímulos, vários argumentos, várias situações onde esta memória é construída, desde questões neurológicas do próprio ser humano, do corpo humano que tem essa potencialidade e até questões sociais, até instituições, relações familiares. A escrita, por exemplo, pra mim é um grande processo de educação da memória, porque você, através do domínio da escrita, registra o seu pensamento e, enfim, por aí vai. Acho que a museologia do ponto de vista da relação com a cultura material, quer dizer, se nós entendemos que a cultura material é importante para a construção da memória, da educação, desse olhar, desse enquadramento, então a museologia é um carro chefe pra isso, porque ela tem uma dinâmica que permite esta aprendizagem.

Josiane: Tem uma discussão de que justamente a escrita, o museu, esses lugares da memória seriam apêndices. Na verdade seriam algo que poderia ficar no exterior, para ter contato em determinados momentos...

Maria Cristina: Eu acho que é uma das pedagogias e, lógico, como todas as outras, ela também é responsável pelo esquecimento. Eu acho que o museu, como fenômeno, decide o que lembrar e o que esquecer, num certo sentido. Não só isso, como ele ensina,

como isso pode ser feito muitas das vezes, tanto lembrar quanto esquecer. Então, eu acho que as possibilidades que se abrem num processo museológico por exemplo, num enquadramento dentro da realidade, da seleção, do tratamento, da extroversão, acho que é um fio condutor para essa educação.

Josiane: Dentro dessa experiência Cristina, qual conceito você demorou mais pra construir, pra pensar?

Maria Cristina: Talvez a situação mais difícil de eu aceitar na verdade é este caráter seletivo desse processo museológico. Eu acho que é o aspecto mais cruel da museologia, desde a prática, desde você enfrentar uma reserva técnica, que tem toda uma história de vida dentro, toda uma história de mentalidades, tem acervo, patrimônio, tem verba pública, tem tudo o que puder imaginar, tem que selecionar para poder operacionalizar este processo. E acho que isso na verdade é uma herança maldita dos museus. Porque os museus que chegaram a tal grau de recolha, no fundo, de coleta, chegaram a uma exaustão. Então nós recebemos esta herança do acúmulo, da quantidade, da grandiosidade, da chamada sacralização e, a partir daí, temos que trabalhar argumentos. Então, eu acho que isso é algo mais difícil de aceitar dentro da minha trajetória. Um outro dado que pra mim é muito difícil, que tem também uma questão teórica na base, é esse estranhamento que o museu ainda causa para algumas situações, ou quando o museu é usado para provocar estranhamento. Eu acho que são as situações mais difíceis de serem equacionadas. Tem um dado que ajudou muito a entender a museologia, que há uma diferença muito grande quando você pensa o fenômeno museu, de dentro do museu, operacionalizando os procedimentos, ou quando você olha de fora. Então a gente tem uma vasta bibliografia, por exemplo, de historiadores, antropólogos, filósofos, sobretudo estrangeira, profissionais que nunca trabalharam em museus, então isso inclusive me ajudou muito a ir pensando o que era a museologia. Eu acho que há uma diferença imensa de quando você fala de dentro. Ter experimentado essa divisão aplicada, para mim, foi muito importante teoricamente.

Josiane: São muitos os museólogos que conseguem fazer esta leitura do que se vê dentro do museu para a sua própria prática com as leituras externas?

Maria Cristina: Eu acho que atualmente está crescendo muito o número de profissionais, por exemplo no Brasil, que identificam muito essa questão. Porque são algumas observações, da mesma forma neste comitê que eu participo, que é do ICOM, me chama muito a atenção, porque são profissionais de várias partes do mundo que trabalham teoria. Me chama muito a atenção, que muitos não são professores, então é estranho. Daí você encontra os professores de museologia muitas vezes em outros fóruns ... Então, são situações como essas que me chamam atenção porque me parece, assim, essencial para um professor estar sempre junto dessas pessoas que pensam a teoria. Nesta situação, e eu acho que é a minha, eu sou super otimista, tenho a tendência a pensar que está crescendo o número de pessoas que estão refletindo, mas que leva tempo.

Josiane: Como foi a discussão do plano nacional de museus?

Maria Cristina: Olha, assim, acho que, no princípio, a minha tendência é considerar muito importante. Qualquer discussão coloca luz na idéia, na problemática dos museus. Eu não fiquei satisfeita e não me senti muito confortável com a forma como ela ocorreu. Eu gostaria que tivesse sido de outra maneira, e acho que houve, em um certo momento, um esquecimento inacreditável de etapas anteriores que muitas pessoas já tinham vivenciado. Por exemplo, nos anos oitenta nós tivemos muitos movimentos no Brasil de profissionais da museologia. Nós chegamos em um sistema nacional, então me parece muito estranho que, de repente, surja algo como se não tivesse um passado. Enfim, acho que foi um impacto. A vontade de fazer alguma coisa com esta mudança de governo foi muito expressiva, eu acho que o Brasil naquele momento estava vivendo um quadro de esperança, enfim eu acho que tudo isso colaborou. O primeiro documento que saiu eu acho que saiu com muita imprecisão, depois foram criados grupos para aprofundarem, e eu fiquei responsável, me colocaram como responsável por um

grupo e eu imaginava que o ministério de outra forma ia dar bases pra isso, ou sistematizar esses procedimentos e até agora eu não tenho percebido muito isso. Então eu vejo, eu sei de alguns resultados porque alguns colegas contam, e daí eu decidi, desde o final do ano, que eu vou ficar observando, realmente eu vou ficar observando. Eu acho que é uma discussão importante, mas eu também senti que ela não atingiu os museus, ela atingiu um pequeno grupo, enfim algo que a gente vai pagar um preço por isso.

Josiane: Lembro de uma pergunta que eu fiz para o professor Mário Chagas, no Colóquio, em Florianópolis, que era, se eles estavam discutindo entre esta equipe as intencionalidades desse plano, em que nível isso chegava na discussão destes profissionais que a estavam conduzindo. É claro que é um plano nacional, ele tinha um pouco, em algumas expressões, um viés bem nacionalista, assim, então, eu perguntei como é que a museologia e os profissionais estavam vendo isto, já que a gente sabe que este caráter ideológico às vezes fica bem expresso em alguns programas nacionais, que tem esta pretensão de atingir a “nação” toda.

Maria Cristina: A minha percepção é que será necessário encontrar um outro caminho para esta discussão sistêmica sobre os museus. Eu acho que a idéia de sistema e rede é a idéia contemporânea, é a idéia que vai dar sustentação para futuro dos museus. Têm razões para isso e, acho que isso é, a questão do método, é mais adequado para pensar os processos, operacionalizar as políticas museológicas, eu vejo isso assim, com bastante clareza, até para superar algumas etapas, algumas situações de museus que ficaram à margem de atualizações e tal. E agora, eu sinceramente não me senti muito confortável com a forma como foi feito e foi isso que acabou... Eu continuo pensando que é mais importante gastar energia na formação. Eu acho que quanto mais você amplia o número e as potencialidades de intervenções, de pessoas que podem atuar, eu acho que isso também é de médio prazo que vai levar a uma mudança.

Josiane: Eu sinto um pouco isso, quando a gente consegue estabelecer um debate entre mais pessoas que estão pensando esta área, que estão agindo nela mas também, que estão pensando sobre isso, parece que as coisas conseguem realmente atingir e dar aquele movimento necessário.

Maria Cristina: Eu fiquei muito impressionada, porque as primeiras reuniões ou na primeira reunião na qual eu participei, houve um grau de improviso assim muito expressivo, pra uma situação que eu considero tão séria. Depois eu fiquei muito impressionada como muitos dos museus que eu conheço, pessoas que eu conheço que trabalham no museu, não sabiam. Depois houve a publicação de um outro documento, que daí ele acabou sendo mais divulgado, até porque acabou saindo on-line. Se nós olharmos este documento que foi divulgado em maio do ano passado, já fazia um ano. Se nós observarmos as mudanças que ocorreram no próprio ministério da cultura, quando elas estão à margem do próprio documento. Então eu estou observando tudo isso, estou achando muito estranho.

Josiane: E me parece centrado só numa especialidade do patrimônio cultural. Já que vem sendo pensado, o plano nacional e o ministério tem algumas formas de articulação importantes, poderiam estar sendo pensadas, ao mesmo tempo, a própria questão da arquivística, das edificações, a própria questão da educação patrimonial...

Maria Cristina: Eu tenho muito medo que eles se confundam com a realidade museológica do próprio ministério, eu acho que isso é um risco muito sério, há décadas a gente vem enfrentando isso. Que o próprio ministério ele é responsável por alguns museus. Mas eu acho que essa é a única questão, a questão de delinear uma política outra, uma política nacional. Eu tenho muito receio que ele fique num diálogo entre pares, porque a tendência é pensar que a questão museológica é muito mais complexa. E, agora, respeito as pessoas que estão acreditando, já falei isso várias vezes, eu tentei colaborar naquilo que me foi pedido, mas por exemplo, até agora

não foi marcada nenhuma reunião oficial para que a gente voltasse a discutir, quer dizer enfim, eu acho que a gente vai ter que aguardar...

Josiane: E esta forma on-line, essa coisa de “você podem mandar sugestões”... Não chega a ser um processo participativo atingir este patamar...

Maria Cristina: É, não faço idéia se é participativo. Eu sei que ocorre também em outros lugares, sabe, em outros países, acho que vai, ou foi um pouco no âmago daquela mudança que nós estávamos vivenciando naquela política no Brasil, e eu acho que as coisas vão se acalmar. Pra mim é muito importante dar um tempo e observar se alterou a vida dos museus, pois até agora eu vejo que nem nos museus federais, então isso me chamou muito a atenção.

Josiane: Quais são teus planos, Cristina, na área de museologia mesmo, no teu trabalho?

Maria Cristina: Vamos dizer, você sabe que uma outra característica da minha personalidade, e que é muito engraçada, eu nunca faço para mim planos a longo prazo. É uma coisa! Eu gostaria de poder contribuir mais neste trabalho da prefeitura e, como é um trabalho que depende de questões políticas eu não sei se isso vai ser possível, eu gostaria para poder vivenciar com mais tempo essa experiência, deste processo que a gente está implantando que é o Museu da Cidade. Essa experiência da “Expedição São Paulo 450 Anos”, isso tudo ficou muito forte, e esse é um lado que me permitiria ampliar bastante o meu horizonte de experiências museológicas, mesmo, pensar um enfrentamento. Que eu acho que é o que este museu vai ter que enfrentar, enfrentamento com o mundo contemporâneo. Vamos ter que trabalhar a cidade quase no seu tempo real. Nunca tive, eu sempre fiquei afastada um pouco disso, museus que trabalham um tempo real é um desafio bem grande, eu gostaria de ter mais tempo e continuar. Eu estava pensando muito na minha função na universidade, no próprio MAE, mas algo que me atrai muito é continuar na docência de museologia.

E acho que, como uma meta mais que imediata é conseguir implantar um mestrado, ou uma pós-graduação stricto-sensu, eu gostaria muito. Muitas vezes eu planejei e depois minha vida deu uma volta do avesso, então não sei se isso vai ocorrer. Tem outros trabalhos, talvez como desejo mais subliminar, é divulgar, publicar estes estudos que eu fiz em torno da vida de Paulo Duarte. Acho que de desejo secreto assim, seria o desejo mais secreto que envolve muita coisa, no ponto de vista emocional e profissional, acho, é este trabalho. Como eu nunca posso priorizar isso em função de outras atividades, é um projeto que está sempre me acompanhando.

Josiane: Agradeço muito, foi muito bom conversar contigo.

Maria Cristina: Eu que agradeço a oportunidade.

Notas

* Josiane Roza de Oliveira - Coordenadora do CEOM.